
SER Social

PANDEMIA DE COVID-19 E POLÍTICAS SOCIAIS
Brasília (DF), v. 25, nº 51, julho a dezembro de 2022

A realidade das(os) estudantes de Serviço Social da UERJ na pandemia

The reality of UERJ Social Work students in pandemic
La realidad de las(os) estudiantes de Trabajo Social de la UERJ en la pandemia.

Paula Bonfim¹

<https://orcid.org/0000-0003-2469-910>

Graziela Scheffer Machado²

<https://orcid.org/0000-0003-1921>

Recebido em: 28/04/2022

Aprovado em: 15/06/2022

Resumo: O artigo aborda os resultados preliminares de uma pesquisa cujo objetivo foi analisar as condições de vida das(os) estudantes da Faculdade de Serviço Social da UERJ, de uma universidade pública, no contexto pandêmico e suas estratégias de enfrentamento. A pesquisa foi realizada entre junho e setembro de 2020 e objetivou também construir estratégias pedagógicas alinhadas à realidade das(os) estudantes durante o ensino remoto emergencial. Utilizamos uma metodo-

1 Assistente Social, formada pela Universidade Católica de Salvador (UCSal). Mestre e doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta 3 da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3280628090535469>.

2 Assistente Social. Doutora e Mestre em Serviço Social (UFRJ). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2248722313233969>.

logia mista, além de pesquisa quantitativa e qualitativa, realizada em duas etapas: na primeira, foi aplicado um questionário *on-line* às(aos) estudantes de todos os períodos do curso – alcançando um total de 228 estudantes; já na segunda fase, utilizamos o instrumento “diários solicitados” e registros fotográficos, de forma que 16 estudantes relataram, durante um mês, suas vivências na pandemia. Os resultados parciais demonstram que a maioria dessas(es) estudantes tem sofrido os impactos da pandemia tanto no que se refere às dificuldades econômicas quanto no aspecto da saúde mental, o que acaba interferindo decididamente na sua vida acadêmica.

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19. Serviço Social. Estudantes.

Abstract: The article presents the preliminary outcomes of a research that aims to analyze the living conditions of students from the UERJ Faculty of Social Work of a public university in Rio de Janeiro in context of the Covid-19 outbreak and their strategies for dealing with this new reality. The research also aimed to build pedagogical strategies aligned with the reality of students during emergency remote teaching. The methodology used was a mixed approach and was carried out in two stages: in the first, an online questionnaire was applied to students from all levels of the course – reaching a total of 228 within a statistical population of 477 students; in the second phase, we used the solicited diaries research method in a group of 16 students that reported for one month their experiences in written and photographic records. The partial results of the research shows that the majority of these students have suffered the impacts of the outbreak both in terms of economic difficulties – with significant drop in their incomes – and mental health issues – many have symptoms of anxiety, fear, discouragement, and depression, which ends up decisively interfering in their academic performance.

Keywords: Covid-19 outbreak. Social Work. Students.

Resumen: El artículo aborda los resultados preliminares de una investigación cuyo objetivo fue analizar las condiciones de vida de las (os) estudiantes de la Facultad de Trabajo Social de la UERJ, de una universidad pública, en el contexto pandémico y sus estrategias de enfrentamiento. La investigación tuvo como objetivo, también, contribuir para la formulación de estrategias pedagógicas alineadas a la realidad de las(os) estudiantes, durante el tiempo de educación vir-

tual impuesto por las medidas de aislamiento y distanciamiento social. Utilizamos una metodología mixta, investigación cuantitativa y cualitativa, realizada en dos etapas: en la primera, las(os) estudiantes de todos los niveles de la carrera respondieron un cuestionario *on-line* – alcanzando un total de 228 dentro de una población estadística de 477 alumnos; en la segunda fase, utilizamos el instrumento “diarios solicitados” y registros fotográficos, donde 16 estudiantes relataron, durante un mes, sus vivencias en la pandemia. Los resultados parciales demostraron que la mayoría de esas(es) estudiantes han sufrido los impactos de la pandemia ya sea en lo inherente a las dificultades económicas o en lo que refiere a la salud mental, lo cual acaba interfiriendo decisivamente en la vida académica.

Palabras claves: Pandemia de Covid 19. Trabajo Social. Estudiantes.

INTRODUÇÃO

As reflexões aqui apresentadas são resultantes de uma pesquisa que teve como objeto de análise a realidade das(os) estudantes de serviço social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), de uma universidade pública do Rio de Janeiro que, historicamente, em curso noturno e com política de cotas, recebe segmentos da classe trabalhadora carioca.

Conforme estudos sobre a pandemia no Brasil (IPEA, 2021), o perfil socioeconômico das pessoas contaminadas e dos óbitos no País tem uma marca de classe, gênero e raça. Os maiores índices de contaminação e mortalidade estão concentrados nas regiões mais desiguais do País. A maior letalidade foi evidenciada entre homens, pessoas com maior idade e entre pessoas negras, pardas e indígenas e menos escolarizadas. O maior percentual das vítimas da Covid-19 constitui os trabalhadores formais mais precarizados, temporários e sub-remunerados, os informais, os desempregados e os sem-teto que residem em áreas mais precárias das grandes cidades brasileiras.

As regiões periféricas das cidades apresentam condições precárias de saneamento, transporte e serviços públicos. A maioria dos residentes dessas áreas precarizadas das cidades é constituída por pessoas negras, que sofrem preconceitos, humilhações e violência policial. Portanto, o cotidiano dessas famílias trabalhadoras agrava a pobreza e o adoecimento mental. As

mulheres são atingidas de diferentes formas, como, por exemplo: maior taxa de desemprego, violência doméstica, aumento da sobrecarga de trabalho, além do risco de contaminação e morte por Covid-19. Com a pandemia, a área da educação foi duramente atingida. Embora o fechamento das escolas e universidades tenha se justificado em função das medidas sanitárias tomadas para conter a propagação do vírus, tais medidas se refletiram fortemente na vida da população mais empobrecida, trazendo para o centro do debate a questão do cuidado com as crianças, a segurança alimentar e a precarização do ensino em todos os níveis.

Os(as) estudantes universitários(as) estão entre aqueles(as) que têm sofrido fortemente os impactos devastadores dessa conjuntura pandêmica. Sua maioria pertence a famílias da classe trabalhadora mais empobrecida e enfrenta o desafio de entrar na universidade e se manter nela; por isso, a realidade de muitos é conciliar trabalho e estudos. Pesquisa realizada pela Andifes em 2018 revela que 70,2% dos(as) estudantes das instituições federais de ensino estão inseridos(as) na faixa de renda mensal familiar de até um salário-mínimo e meio. Outro dado importante é referente ao percentual de cotistas: em 2005, esse percentual era de 3,1%, que foi para 48,3% em 2018.

Diante dessa realidade pandêmica, começamos a questionar como estariam as(os) estudantes de serviço social da UERJ, pois grande parte da comunidade estudantil estava no perfil da população mais atingida pela pandemia, ou seja, tais estudantes são oriundas(os) de segmentos da classe trabalhadora mais empobrecida, mulheres e moradores de regiões periféricas do Rio de Janeiro.

Segundo Iamamoto (2008), o Serviço Social tem um lugar privilegiado de aproximação com a vida cotidiana das classes subalternas; entretanto, pouco tem investido em pesquisa nessa elucidação sobre as metamorfoses e diferenças dos segmentos da classe trabalhadora, suas lutas e sua organização. Afirma a autora:

[...] como vivenciam e enfrentam relações de exploração e dominação por meio do conformismo e rebeldias, no interior das quais vão se forjando como sujeitos individuais e coletivos, construindo sua consciência não só a alienação, mas como mediação crítica da história. Esse é um pré-requisito para sintonizar o projeto profissional com as efetivas necessidades e interesses dos cidadãos e cidadãs que são

usuários dos serviços prestados, sintonizadas organizações e movimentos sociais por meio dos quais se expressam coletivamente (IAMAMOTO, 2008, p. 241).

Por essas razões, propomos a pesquisa sobre a realidade das(os) estudantes para trazer à luz as informações sobre suas vivências e dos seus bairros, contribuindo com o levantamento de dados e imagens que nos possibilitasse entender o enfrentamento da pandemia nos diferentes territórios da cidade do Rio de Janeiro e da região metropolitana. Na nossa avaliação, é fundamental compreender o impacto da pandemia na vida das(os) estudantes, considerando seus aspectos econômicos e sociais, suas condições de saúde física e mental e suas formas de enfrentamento no cotidiano. Com esse conhecimento, é possível construir estratégias pedagógicas alinhadas às suas necessidades sociais e, conseqüentemente, fortalecer seus vínculos com a universidade pública e com a formação de “[...] cidadãos participantes e conscientes de seus direitos civis, políticos e sociais; mas que zele por sua autoqualificação acadêmica e permanente aperfeiçoamento, de modo a contribuir na formação de cientistas, pesquisadores e profissionais” (IAMAMOTO, 2008, p. 433).

O artigo ora apresentado foi estruturado em dois itens: 1) os aspectos metodológicos do estudo; e 2) o impacto da pandemia nas condições de vida das(os) estudantes de serviço social da UERJ.

1. DO MÉTODO AOS ASPECTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

No momento em que nos colocamos o desafio de conduzir a pesquisa sobre a realidade das(os) estudantes de Serviço Social da UERJ durante a pandemia, sabíamos que, ao optarmos pelo método dialético na análise do movimento da realidade, seria necessário um esforço permanente de compreensão das contradições da dinâmica social e de sua totalidade a partir de suas múltiplas determinações e conexões, rompendo assim a aparência dos fenômenos.

O conhecimento da realidade se coloca, portanto, como urgente e fundamental para que possamos intervir radicalmente nela, enfrentando o desafio de construir relações sociais humanizadas (DEMO, 2001).

A investigação pautou-se no enfoque misto, que se caracteriza por “estudos quanti-qualitativos, mistos ou multimetodológicos que se

constituem na articulação de ambos os tipos de dados, que partem de fundamentos e características distintas” (PRATES, 2012, p. 123). Ou seja:

Por tratar-se de estudos orientados pelo materialismo dialético e histórico, a coleta e articulação de dados empíricos objetivos e subjetivos, como mediação necessária para tentar explicar os fenômenos investigados, parecem ser uma condição, na medida em que a teoria dialética postula, com base na lei dos saltos, a necessária articulação entre os aspectos quantitativos e qualitativos (PRATES, 2012, p. 124).

A pesquisa foi realizada em dois momentos distintos da vida acadêmica durante a pandemia: 1) antes do início do ensino remoto emergencial (ERE) – junho/2020 – com a coleta dados de caráter quantitativo; e 2) no início do semestre de 2020 – setembro/2020 – ERE, com a utilização de instrumentos investigativos de caráter qualitativo. Destacamos também a pesquisa bibliográfica sobre a pandemia de Covid-19, seus aspectos epidemiológicos e socioeconômicos no Brasil e no mundo.

Considerando as dificuldades no acesso às/aos estudantes, geradas – em grande medida – pelo isolamento social, entendemos que a adesão à pesquisa foi bastante expressiva. Das 477 matrículas ativas, 228 estudantes responderam ao questionário, correspondendo a 48% do universo das(os) alunas(os) do curso de Serviço Social. A última questão do questionário era aberta (não obrigatória) e possibilitava às(aos) alunas(os) registrar outras informações, não contempladas nas demais questões fechadas. Essa questão teve 76 respostas, cujas(os) alunas(os) falavam sobre suas dificuldades, angústias, incertezas e da importância de serem ouvidas(os) naquele momento de suspensão das atividades acadêmicas e de isolamento social.

Para a realização da segunda fase da pesquisa, nós nos deparamos com o desafio de acessar o universo das(os) estudantes em suas particularidades e singularidades. Como já sinalizamos anteriormente, nós nos propomos a entender a realidade das(os) estudantes numa perspectiva dialética, tendo a totalidade como um pressuposto central. Nesse sentido, entendemos que as pesquisas quantitativa, bibliográfica e de dados das mídias nos forneciam elementos importantes, mas não suficientes. Era necessário compreender outras causalidades e atravessamentos para

desvelar o significado da pandemia nas vidas delas(es). Conforme Bulla, Mendes e Prates (2004, p. 59):

Quando o objeto de estudo é constituído por *sujeitos*, é necessário que se reconheça a sua interferência no processo, manifesta a partir da expressão de suas características, expectativas, desejos, sonhos, medos, modos de comunicação, valores, representações [...]. É fundamental que seja valorizada sua singularidade, a partir de uma leitura própria do seu viver histórico, que ora se desvenda e ora se mascara.

A etapa qualitativa objetivou desvelar o miúdo do cotidiano das(os) estudantes, sem perder de vista a sua relação com a dinâmica da vida em sociedade. A ideia era que as(os) estudantes pudessem relatar suas vivências, mostrar seu cotidiano e, com isso, fazer um movimento – pouco observado no espaço acadêmico –, que é o de participar desse processo ativamente, como protagonistas.

Viabilizar a fase qualitativa da pesquisa foi desafiante, pois era necessário que fôssemos cuidadosas, pacientes e rigorosas com o passo a passo dessa etapa. Optamos pelo relato individual no formato de diário e de registros fotográficos feitos pelas(os) próprias(os) estudantes. Essa proposta, portanto, se traduziu pela ferramenta chamada “diários solicitados” (METH, 2019).

Os registros fotográficos na pesquisa foram de igual importância, na medida em que puderam trazer à luz o cotidiano “que não coube no papel” e possibilitaram que essas(es) estudantes desenvolvessem um olhar atento e reflexivo sobre suas rotinas, relações familiares, vivências em comunidade, movimentações nos territórios, relacionando-as à dinâmica da vida social. O uso da fotografia proporcionou tanto o desenvolvimento de um olhar atento e crítico de sua própria realidade quanto a análise da totalidade da sua vida social.

Os “diários solicitados” foram identificados por codinomes, escolhidos pelas(os) próprias(os) estudantes. É importante esclarecer que todas as fases da pesquisa foram orientadas por princípios éticos, resguardando o sigilo das(os) participantes e esclarecendo os objetivos e as metodologias, mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Portanto, as citações dos diários neste artigo aparecem com os codinomes das(os) estudantes.

A pesquisa nos permitiu conhecer a leitura de mundo das(os) estudantes na pandemia, fazendo uma aproximação entre o saber cotidiano da(o) educanda(o) e o saber acadêmico. Ao acessarmos a leitura de mundo das(os) estudantes, pudemos compreender suas concepções, a dialética entre suas condições objetivas e subjetivas no enfrentamento da pandemia e refletir sobre suas expectativas na formação acadêmica e com a universidade. As dimensões da subjetividade e da objetividade, pensadas como uma unidade dialética, foram pressupostos centrais na condução do processo de investigação. Como nos lembra Freire,

[...] subjetividade e objetividade, desta forma, se encontram naquela unidade dialética de que resulta um conhecer solidário com o atuar e este com aquele. É exatamente esta unidade dialética a que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la [...] (1987, p. 16).

Durante um mês, 16 estudantes fizeram seus registros, sendo acompanhadas(os) pelas coordenadoras da pesquisa durante todo o processo. A entrega semanal dos diários facilitou a construção de vínculos com as(os) estudantes e, assim, foi possível estabelecer uma relação de confiança, elemento fundamental para a condução da pesquisa.

Segundo Demo (2001), é necessário superar o distanciamento entre o ensino e a pesquisa. O autor argumenta que podemos pensar a pesquisa como um diálogo com a realidade social. Neste sentido, a pesquisa se vincularia ao ritmo da vida, produto e motivação de interesses sociais em disputa. Para o autor, a dimensão investigativa seria uma base importante da aprendizagem na superação da mera reprodução do conhecimento, pois “[...] significa conhecer, saber, informa-se para sobreviver, para enfrentar a vida de modo consciente” (DEMO, 2001, p. 43).

A investigação junto às(aos) estudantes também contribuiu para “cotidianizar a pesquisa” (DEMO, 2001) no sentido do enfrentamento de dificuldades político-pedagógicas relacionadas ao perfil histórico das(os) nossas(os) estudantes, que, enquanto um curso noturno, agrega – em sua maioria – alunas(os) trabalhadoras(es) que têm muitas dificuldades para a sua participação em atividades de pesquisa e extensão e, até mesmo, para a sua inserção em estágios regulares durante a semana. Portanto, “[...] estudar à noite significa acomodar exigências às

condições concretas [...]”, pois “[...] antes de estudar, precisa trabalhar para sobreviver” (DEMO, 2001, p. 51). A cotidianização da pesquisa implica a criação de um ambiente propício à formação do diálogo crítico.

2. O IMPACTO DA PANDEMIA NAS CONDIÇÕES DE VIDA DAS(OS) ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL

As condições de vida da classe trabalhadora no Brasil antes mesmo da chegada da pandemia mundial já eram bastante precárias. Segundo Antunes (2020), “[...] mais de 40% da classe trabalhadora brasileira encontrava-se na informalidade ao final de 2019. No mesmo período, uma massa em constante expansão de mais de cinco milhões de trabalhadores/as experimentava as condições de uberização do trabalho, propiciadas por aplicativos” (p. 8)³.

A pandemia do novo coronavírus evidencia uma crise social e histórica (MASCARO, 2020). Não se trata somente de uma crise sanitária, mas de uma crise essencialmente vinculada ao tipo de relações sociais capitalistas. Como enfrentar uma pandemia mundial se o modo de produção hegemônico é responsável por milhares de desempregados, por habitações inadequadas, por serviços de transporte público e de saúde precarizados?

No fundamental, a dinâmica da crise evidenciada pela pandemia é do modelo de relação social, baseado na apreensão dos meios de produção pelas mãos de alguns e pela exclusão automática da maioria dos seres humanos das condições de sustentar materialmente sua existência, sustento que as classes desprovidas de capital são coagidas a obter mediante estratégias de venda de sua força de trabalho. O modo de produção capitalista é a crise (MASCARO, 2020, p. 5)⁴.

A pandemia aprofundou a precarização das condições de vida da classe trabalhadora, que já vinha sendo deteriorada com o avanço das políticas neoliberais no País. Outros aspectos que se evidenciaram na pandemia foram as desigualdades de gênero e raça. Harvey (*apud* Antunes, 2020, p. 18)⁵, ao analisar a sociedade norte-americana, afirma que a

3 Como essa citação é de *e-book kindle*, é possível variar a paginação. A citação encontra-se no item 1.

4 Como essa citação é de *e-book kindle*, é possível variar a paginação. A citação encontra-se no item 1.

5 Como essa citação é de *e-book kindle*, é possível variar a paginação. A citação encontra-se no item 3.

[...] Covid-19 exhibe todas as características de uma pandemia de classe, gênero e raça [...], já que a classe trabalhadora contemporânea nos Estados Unidos (composta principalmente por afro-americanas, latinas e mulheres assalariadas) enfrenta a feia escolha da contaminação em nome de cuidar e manter os principais meios de provisão (como mercearias) abertos ou o desemprego sem benefícios (como atendimento médico adequado).

A pesquisa com as(os) estudantes revelou uma realidade que vai na direção das reflexões feitas por Mascaro (2020), Antunes (2020) e Dunker (2020). Na primeira etapa da investigação, observou-se que a maioria das(os) estudantes é jovem (53,1% estão na faixa etária de 14 a 24 anos, e 25%, entre 25 e 31 anos), predominantemente feminina (85,4%) e com um recorte de raça bem expressivo: são estudantes predominantemente pretas(os) e pardas(os) (67,6%). No quesito renda (ou seja, pessoas oriundas de famílias da classe trabalhadora de baixa renda), 60,7% delas(es) possuem rendas familiares entre 1 e 3 salários mínimos e 11,8% têm rendas até 1 salário mínimo, sendo a maioria composta por mulheres negras, moradoras das áreas periféricas e que, durante esse período, tiveram perdas econômicas. Outro elemento que se apresenta é que são famílias, na sua maioria, chefiadas por mulheres. Em relação à composição da renda familiar, aparecem em destaque as(os) próprias(os) alunas(os) (56,1%) e suas mães (47,8%). Além disso, foi possível constatar que, com a pandemia, a renda familiar das(os) estudantes ficou ainda menor, já que 58% afirmaram que tiveram perdas de renda nesse período. É importante sinalizar um aspecto sobre a composição da renda. Embora tenhamos 40,4% de alunas(os) trabalhadoras(es), 56,1% indicam que contribuem com a renda familiar. Isso nos leva a acreditar que, talvez, as bolsas⁶ recebidas pelas(os) estudantes tenha alguma importância para a composição da renda familiar delas(es). Vejamos o relato a seguir:

Minha realidade neste momento é de preocupação, pois sou a única fonte de renda fixa em casa, já que meu companheiro é autônomo e, com a pandemia, não está podendo trabalhar. Não estamos conseguindo pagar todas as contas, dando prioridade às essenciais, e uma delas é a conta da *internet*. Não estou conseguindo me

6 O aluno ingressante pela reserva de vagas do vestibular faz jus à Bolsa-Permanência, mas precisa preencher alguns critérios. Um deles é comprovar sua condição de carência.

concentrar nos estudos e estou muito preocupada, pois preciso terminar a faculdade, já que estou alguns semestres atrasada por falta de estágio e, quando consegui no meu segundo estágio, tudo aconteceu. A faculdade seria uma melhoria das condições financeiras, já que poderia trabalhar na minha área. E tenho medo de perder a bolsa de cotista, que tem ajudado muito. Tenho um filho adolescente, que também é estudante de faculdade pública (UFRJ), mas que não conseguiu bolsa e, com todos em casa, as despesas de alimentação cresceram muito e a renda diminui (resposta aberta, questionário nº 27).

Ainda sobre a renda familiar, verificou-se que houve uma demanda expressiva pelo Auxílio Emergencial do Governo Federal. Entre aquelas(es) que responderam ao questionário, 60,5% afirmaram que alguém da família está recebendo o Auxílio. No entanto, é necessário considerar também aquelas(es) que solicitaram o Auxílio e não obtiveram resposta. A situação financeira das(os) estudantes reflete a condição econômica pela qual atravessa o Brasil neste momento. A recessão foi agravada com a pandemia e a situação de desemprego e preocupação com a queda da renda familiar aparece em muitos relatos.

Minha realidade é a mesma de diversos colegas da FSS com que mantenho contato. Desempregada, não consegui o Auxílio Emergencial, com constantes crises de ansiedade e depressiva [...] (resposta aberta, questionário nº 2).

Além de eu ter sido demitida, meu companheiro também está desempregado, estava recebendo as parcelas do Fundo de Garantia, mas já acabou e ainda não conseguimos acesso ao benéfico de Auxílio Emergencial. Portanto, atualmente, temos como rende fixa minha bolsa como cotista e a ajuda financeira da minha mãe (resposta aberta, questionário nº 54).

O enfrentamento da pandemia, diante da fragilidade econômica e política, ganha contornos particulares em cada país, região e território nas cidades. No caso do Brasil, a crise vai ser aprofundada pelo tipo de enfrentamento adotado pelo governo Bolsonaro, expressando, segundo Mascaro (2020, p. 12), grau ímpar de regressivo e reacionarismo político e social. Trata-se de investir na crise como reação à crise (idem, p. 14)⁷.

7

Como essa citação é de *e-book kindle*, é possível variar a paginação. A citação encontra-se no item 4.

Em diversos relatos, aparece uma relação significativa entre as condições financeiras e a condição de saúde mental dessas(es) alunas(os), como podemos verificar na fala a seguir:

Acho problemática a pressão de estarem pensando em continuar o semestre em EAD como se essa pandemia fosse um detalhe mínimo. Como produzir academicamente sem possuir as mínimas condições de saúde mental e sem saber como irei me manter alimentada e pagando minhas contas? (Resposta aberta, questionário nº 2).

Segundo Dunker (2020), a chegada do coronavírus ao Brasil ocorreu em meio à divisão social discursiva e à pauperização da vida econômica e dos direitos trabalhistas. O autor afirma também que, antes da chegada da pandemia ao Brasil, o País já vinha, há tempos, implementando o que Mbembe chama de necropolítica, ou seja, uma política de morte, que objetiva lentamente impor a manutenção de situações de miséria e desproteção. A opção política do governo federal no enfrentamento da pandemia foi nessa direção, ou seja, “[...] a lentidão na tomada de medidas protetivas, a negligência descarada em relação aos trabalhadores informais e o pouco caso com a vida das pessoas praticados pelo presidente” (p. 4)⁸.

O enfrentamento da crise sanitária causada pelo coronavírus nos colocava diante de dilemas éticos permanentes, já que as sociedades nas quais vivemos estão organizadas para reproduzir um modelo de produção movido pela lógica da acumulação. Como evitar a proliferação do vírus e salvar o máximo possível de vidas, se não existe limite moral, ético ou humanista ao capital? [...] A sociedade capitalista é apenas a sociedade da marcha da acumulação (MASCARO, 2020, p. 21)⁹.

Conforme Martins (2020, p. 1), os brasileiros foram empurrados a fazer a escolha perversa e mentirosa entre a atividade econômica ou o isolamento social. “O Brasil tornou-se laboratório de um experimento totalitário neoliberal”. Esse aspecto também se expressa nos registros diários num dilema entre manter o isolamento e a necessidade econômica de trabalhar.

A semana começou bem agitada. Meu companheiro está voltando ao trabalho integral, e isso nos preocupou um

8 Como essa citação é de *e-book kindle*, é possível variar a paginação. A citação encontra-se no item 1.
9 Como essa citação é de *e-book kindle*, é possível variar a paginação. A citação encontra-se no item 8.

pouco, medo mesmo. Parece que vivemos em um mundo paralelo, que tem uma pandemia e, nos outros lugares, tudo parece tão normal. Os cuidados aqui em casa continuam os mesmos e fazemos a questão de mantê-los. Meu companheiro está num mister de preocupação e alívio. O salário, mês que vem, também será integral (Diário de Sofia Lira).

Nesse momento de pandemia, minha ansiedade tem atacado bastante e de formas diferentes. Uma delas é a falta de concentração e a falta de estímulo para estudar. Minha família e eu estamos bastante preocupadas em como as coisas vão ficar a cada dia que acordamos, pois minha mãe é autônoma e minha irmã e eu temos contrato com data de término prevista (resposta aberta, questionário nº 108).

O enfrentamento da pandemia também é distinto se considerarmos as particularidades dos territórios. Aspectos como urbanização, saneamento e segurança são fundamentais para as condições de saúde física e mental. Nesse sentido, um dos aspectos importantes na pesquisa é o local de moradia dessas(es) estudantes. A grande maioria é moradora da zona norte da cidade (43,9%), seguida pela zona oeste (22,4%) e pela Baixada Fluminense (14,9%). Além disso, 21,5% residem em favelas e 32,5% em comunidades.

As(os) estudantes relatam alto grau de insegurança nos locais onde moram, dando destaque para a atuação do tráfico (36,4%) e para incursões policiais (24,6) e de milícias (18,4%). É importante sinalizar que essa situação de insegurança impacta a vida desses sujeitos em diversos aspectos e, na pandemia, as consequências são ainda mais deletérias. Nos locais de atuação das milícias, por exemplo, o comércio foi obrigado a permanecer aberto, gerando apreensão e medo por parte dos comerciantes. Além disso, a atuação das milícias impacta também serviços, como o acesso à *internet*. É comum, em áreas de atuação de milícias, existir a interferência no serviço de oferta de *internet*. Essa realidade de medo e insegurança pode ser evidenciada nos relatos de algumas(ns) estudantes:

Não tenho acesso à *internet* por morar em área considerada de risco. Agora que estão vendo a possibilidade de ter *internet* aqui na favela, pois a milícia não libera a entrada de outros a não ser a deles [...] (resposta aberta, questionário nº 51).

O tráfico cortou o acesso à *internet*, e estão fazendo com que assinem uma *internet* clandestina, que não tem estabilidade e frequentemente para de funcionar (resposta aberta, questionário nº 72).

Em relação ao isolamento social nos locais onde moram, 54,4% informaram que a movimentação das pessoas e a situação do comércio pareciam inalteradas. No que se refere à rotina durante a pandemia, observamos que essas(es) estudantes conseguiram fazer isolamento social total ou parcial e utilizaram máscaras e álcool como forma de prevenção ao vírus. Essa conduta certamente contribuiu para a preservação da saúde.

Nos registros dos diários, observou-se que as(os) estudantes, moradoras(es) de bairros periféricos, abordam um “conflito cultural”. Embora façam parte da classe trabalhadora mais empobrecida, apresentam um arcabouço sociocultural diferenciado, oriundo de sua inserção na universidade. Essa diferenciação produziu um sentimento de estranhamento frente aos cuidados sanitários da maioria dos moradores de seu bairro e à sua vivência cotidiana na esfera doméstica. Vejamos o trecho que ilustra esse aspecto:

Me lembro do que já disse outras vezes: estamos vivendo em um mundo paralelo, sem Covid, sem pandemia, entregues ao destino, tipo “seja o que Deus quiser”. A criançada brinca na rua, os pais saem para trabalhar, tem baile, tem churrasco, piscinas nas calçadas e um parque. Em tempos de pandemia, temos um parque sendo montado na comunidade. Decido ir ao parque, e lá vou eu, a alienígena mascarada. Nem meu neto e seu amiguinho, o dos doces, que peço para me acompanhar para usar como desculpa para as fotos, querem usar a máscara. Surpresa zero: parque lotado. Correria para todo lado e eu não consigo escrever isso sem cair no choro. É domingo, fiquei sabendo que minhas irmãs estiveram no parque com as crianças no sábado. Estou me sentindo muito confusa agora, neste momento. Parece que, ao relatar essas coisas, estou traindo as pessoas que conheço, que gosto (Diário de Maria).

Dunker (2020) chama a atenção para dois elementos fundamentais que não devem ser menosprezados na realidade brasileira: 1º) os processos de apreciação da própria realidade; e 2º) os processos de manipulação. No

Brasil, parte significativa da população tem avaliação equivocada sobre a nossa realidade e isso tem relação, em parte, com o processo de manipulação que se estabelece nas nossas relações. Segundo esse autor (id.), “o Brasil ficou de novo entre os últimos lugares na escala de apreciação da própria realidade. É possível que disso decorra nossa facilidade para sermos manipulados, ainda mais quando nos vemos diante das novas práticas decorrentes da linguagem digital e das mídias sociais”¹⁰ (p. 14)¹¹.

Outro aspecto relevante evidenciado na pesquisa é sobre a contaminação por coronavírus. Dos sujeitos pesquisados, 69,3% afirmaram que não se contaminaram; 3,1% testaram positivo; e 19,3% tiveram sintomas, mas não fizeram o teste. No que se refere aos familiares, o percentual dos que testaram positivo é maior (7,5%), mas ainda assim não é expressivo. É importante destacar dois aspectos referentes à saúde de familiares e pessoas próximas que podem ter um impacto na condição emocional das(os) estudantes. Embora estas(es), em sua maioria, apresentem boas condições de saúde física, 75,9% afirmaram não apresentar nenhuma comorbidade. Com relação aos seus familiares, esse percentual é bem menor, ou seja, 53,5% têm alguma doença crônica que as(os) torna integrantes de grupo de risco. Outro aspecto desestabilizador é que 28,1% perderam alguém próximo por Covid-19 durante a pandemia, como podemos ver num dos relatos:

Para além do aspecto financeiro, há um mês enfrentei a dor de lidar com o falecimento da minha tia, que contraiu Covid-19. Ela era muito próxima e querida, se foi com apenas 59 anos. Quase todas as pessoas por quem eu estava orando faleceram de Covid-19, e isso vai gerando uma angústia, principalmente pela impossibilidade de intervir. Apesar de toda a dor, sou grata pela vida, por estar com saúde e por ter recebido amor, carinho e solidariedade da família e de amigos. Permaneço na fé que tudo isso vai passar. Em relação à graduação, somente hoje me sinto mais saudável (mentalmente) e disposta para retomar as leituras (resposta aberta, questionário nº 133).

Os dados demonstram que as condições socioeconômicas e subjetivas das(os) estudantes foram bastante afetadas pelo contexto

10 O autor se refere aqui à pesquisa intitulada: “Os perigos da percepção”, realizada em 38 países pelo instituto Ipsos Mori, que avaliou a percepção das pessoas sobre a realidade de seus países.

11 Como essa citação é de *e-book kindle*, é possível variar a paginação. A citação encontra-se no item 3.

pandêmico, gerando, assim, inúmeros desafios para a realização do ensino remoto.

As reflexões feitas até o momento nos permitiram concluir que a situação geral da vida dessas(es) alunas(os) piorou muito durante a pandemia e, conseqüentemente, impactou o seu processo de aprendizagem.

No que refere à vida acadêmica, 40% das(os) que responderam ao questionário são cotistas. Embora o percentual de alunas(os) com acesso à *internet* seja expressivo (89%), o acesso não foi suficiente para propiciar boas condições de aprendizagem, já que 51,8% das(os) estudantes afirmaram ter dificuldades para desenvolver seus estudos e, dentre os principais motivos, estão o estresse vivenciado no momento, a dificuldade de concentração, a baixa velocidade e a instabilidade da *internet*. Muitos relatos expressam preocupações sobre o ensino à distância e sua condição de saúde mental:

Acho que este ano já acabou para a vida acadêmica. Não consigo ter foco para estudar nada, só fico preocupada com a situação atual e não teria um pingão de paciência para estudar EAD em meio a esse caos. No momento, meu sentimento atual é de medo, muito medo de pegar esse vírus e passar para minha avó idosa, de 83 anos. Só saio de casa para ir ao mercado, sacolão e banco. Não tenho contato físico com meus familiares, namorado etc. Hoje, por exemplo, uma amiga informou no nosso grupo que está com os sintomas da Covid-19. Os casos só aumentam, e essa flexibilização só piora a situação (resposta aberta, questionário nº 104).

[...] Há gritaria de criança, música alta etc. Fora que não consigo me concentrar em aula virtual. Gosto e prefiro aula presencial. A troca é muito válida. Eu tive muitas crises de ansiedade e muitas incertezas, inclusive no serviço social. Muitas crises de pânico e ansiedade. Acredito que nenhum aluno com o qual conversei durante a pandemia tem a segurança de voltar para a universidade agora. E muitos não têm acesso à *internet* de verdade. Estou em *home office* e, sinceramente, foram poucas as vezes em que peguei conteúdo da *internet* para estudar. Essa troca faz falta, pois li alguns textos, mas a troca em aula é muito melhor. Obrigada, desde já (resposta aberta, questionário nº 51).

Em relação aos sentimentos durante a pandemia, verificam-se relatos relacionados a questões como ansiedade, estresse, medo e tristeza. Outro aspecto de desestabilidade emocional é o peso do trabalho doméstico, que contribui ainda mais com essa situação. Na dinâmica da casa, é possível observar uma divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres (31,1%), mas ainda prevalece uma sobrecarga do trabalho feminino, incluindo os cuidados com as crianças.

Whitaker (2020) nos alerta que, conforme foi avançando no mundo a pandemia, muitos estudos vinham apontando o agravamento das “doenças mentais” e o surgimento de novos sintomas derivados da situação pandêmica. Entretanto, o autor ressalta que essa interpretação pode trazer a patologização do sofrimento humano e de suas lutas. O sofrimento mental pode ser entendido como uma reação comum a esse tempo pandêmico.

Apesar das incertezas em relação ao futuro e do sofrimento gerado nesta conjuntura pandêmica, é importante observar que as(os) estudantes, em suas experiências cotidianas, vão buscando caminhos para se reinventar e resistir, conforme ilustram os trechos a seguir:

Como forma de enfrentar as dificuldades, confio bastante em uma frase: “Que a injustiça não te entristeça, que te radicalize”. Nesse sentido, procuro não abaixar a cabeça e refletir sobre estratégias que potencializam a luta política. Atualmente, estou presente na gestão do centro acadêmico da faculdade, atuando nas redes sociais e dialogando com os estudantes (Diário de Anitta).

Me pego pensando em Trotsky, Lênin, Marx, revolução. Tão louco isso! Eu, que no início da minha graduação me senti bombardeada por informações que me custaram noites de sono, hoje sinto que a revolução aconteceu dentro de mim. Sinto que, na verdade, eu não sei nada e que seguirei sem saber, pois a vida é um eterno aprendizado. E, por muitas vezes, tenho gritado por socorro, pedido ajuda, buscado meios de me fortalecer e tenho a percepção de não ser a única a passar por isso (Diário de Maria).

Por fim, destacamos que o estudo acerca da realidade das(os) estudantes na pandemia foi bastante fecundo, sendo seus dados orientadores do planejamento das atividades de ensino remoto emergencial e, posteriormente, da avaliação desse processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos possibilitou conhecer os perfis das(os) estudantes, suas dinâmicas de vida e suas vivências e resistências neste momento de pandemia. A maioria delas(es) tem sofrido o impacto dessa conjuntura tanto no que se refere às dificuldades econômicas – com queda significativa da renda – quanto no aspecto da saúde mental (uma vez que muitos apresentam sintomas de ansiedade, medo, desânimo e depressão), o que acaba interferindo decisivamente na vida acadêmica. Percebemos que, embora apresentem críticas ao modelo de ensino remoto à distância, essas pessoas manifestam apreensões sobre “o tempo perdido” ocasionado pelo atraso no curso. A realização da pesquisa, por sua vez, gerou uma proximidade com as(os) estudantes e um sentimento de pertencimento à comunidade acadêmica. Observamos, ainda, que o envolvimento das(os) estudantes na pesquisa possibilitou também que elas e eles refletissem sobre o seu próprio cotidiano, possibilitando, por vezes, o despertar de uma consciência crítica para as questões individuais e coletivas imbricadas nos processos sociais na pandemia.

REFERÊNCIAS

ANDIFES. V. Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES – 2018. FONAPRACE, Brasília, 2019. Disponível em: <<https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

ANTUNES, R. Coronavírus: **O trabalho sob fogo cruzado** (Pandemia Capital). Editora Boitempo, São Paulo, 2020. *E-book Kindle*.

BULLA, L. C.; MENDES, J. M. R.; PRATES, J. C. Metodologia de investigação e intervenção do projeto Labinter da PUCRS. In: BULLA, L. C.; MENDES, J. M. R.; PRATES, J. C. (Orgs.). *As Múltiplas Formas de Exclusão Social*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 55-76.

DEMO, P. Pesquisa – **Princípio Científico e Educativo**. Cortez: São Paulo, 2001.

DUNKER, C. I. L. **A arte da quarentena para principiantes** (Pandemia Capital). Editora Boitempo, São Paulo, 2020. *E-book Kindle*.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

_____. **Educar com a mídia** [recurso eletrônico]: novos diálogos sobre educação/Paulo Freire, Sérgio Guimarães. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Paz e Terra, 1987.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2008.

IPEA. **Aspectos socioeconômicos da Covid-19: evidências dos trabalhadores formais do Estado do Rio de Janeiro**. Texto para discussão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Brasília, Rio de Janeiro, 2021.

MARTINS, M. “A pandemia expõe de forma escancarada a desigualdade social”. In: **Pensar la pandemia**. Observatorio Social del Coronavirus n° 64. Disponível em: <[64-Dias-Martins.pdf \(clacso.edu.ar\)](#)>. Acesso em: out. 2020.

MASCARO, A. L. **Crise e pandemia** (Pandemia Capital). Editora Boitempo: São Paulo, 2020. *E-book Kindle*.

METH, P. “Desabafando” – O método do diário solicitado. In: BRAUN, Virgínia; CLARKE, Viktória; GRAY, Debra. **Coleta de dados qualitativos. Um guia prático para técnicas textuais, midiáticas e virtuais**. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis: Vozes, 2019.

PRATES, J. C. (Org.). **As Múltiplas Formas de Exclusão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PRATES, J. O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social: uma relação necessária. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 11, n° 1, p. 116-128, jan./jul. 2012.

WHITAKER, R. “O impacto psicológico da pandemia: contra a patologização de nosso sofrimento”. In: AMARANTE et al. **O enfrentamento do sofrimento psíquico na pandemia: diálogos sobre o acolhimento e a saúde mental em territórios vulnerabilizados**. Rio de Janeiro: Ideias US/Fiocruz, 2020.